

MENINAS E SONHOS: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO PELAS INFÂNCIAS

NIÑAS Y SUEÑOS: REPRESENTACIONES DE GÉNERO POR LAS INFANCIAS

Krischna Duarte 1
Tatiani Müller Kohls 2
Denise Bussoletti 3

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pesquisadora no Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, arte, linguagem e subjetividade (FaE/UFPel). Foi Integrante do Laboratório Audiovisual de Pesquisa em Educação Ambiental (LAPEA/FURG). Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Desenvolve pesquisas nas seguintes temáticas: artes do vídeo; infâncias; poéticas; narrativas populares. Desde 2004 produz conteúdos audiovisuais em seus diversos suportes. E-mail: krischna.duarte@gmail.com

2 Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. (PPGE/UFPel). Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt/UFPel). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. (PPGE/UFPel). Graduada em Ciências Sociais com habilitação em licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: tatianimuller@gmail.com

3 Denise Marcos Bussoletti concluiu doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com bolsa sanduíche no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho (Portugal). E-mail: denise.bussoletti@gmail.com

Resumo: A partir da perspectiva das Culturas das Infâncias (SARMENTO, 2004), este texto discute as relações entre gênero e sonhos a partir da realização de oficinas de Filtro dos Sonhos com alunas de um instituto católico que atende meninas em situação de vulnerabilidade social. Compreendemos o processo de criação do filtro dos sonhos numa aproximação do conceito de trama, discutido por Machado (2003), onde o ato de fiar é espaço de autonomia da criação, relacionado à contação de histórias, à narração. Pensar os sonhos das infâncias pela perspectiva das meninas permite refletir de forma crítica sobre a questão de gênero e suas representações no universo infantil. Tentar compreender como as meninas se percebem no mundo e quais suas representações sobre o feminino, pode nos aproximar, pelas infâncias, dos modelos representativos que ensejam um futuro de sociedade. Assim, a discussão teórico-reflexiva que se coloca neste texto, busca o desenvolvimento de práticas pedagógicas que estejam centradas no ser humano, comprometidas com a constituição de uma educação que busque realizar transformações políticas, culturais, sociais, necessárias. **Palavras-chave:** Infâncias; gênero; sonhos.

Resumén: A partir de la perspectiva de las Culturas de las Infancias (SARMENTO, 2004), este texto discute las relaciones entre género y sueños a partir de la realización de talleres de Filtro de los Sueños con alumnas de un instituto católico que atiende a niñas en situación de vulnerabilidad social. En el caso de que se trate de un proceso de creación del filtro de los sueños en una aproximación del concepto de trama, discutido por Machado (2003), donde el acto de hilar es espacio de autonomía de la creación, relacionado a la cuenta de historias, a la narración. Pensar los sueños de las infancias por la perspectiva de las niñas permite reflexionar de forma crítica sobre la cuestión de género y sus representaciones en el universo infantil. Intentar comprender cómo las niñas se perciben en el mundo y cuáles son sus representaciones sobre lo femenino, puede aproximarse, por las infancias, de los modelos representativos que dan lugar a un futuro de sociedad. Así, la discusión teórico-reflexiva que se plantea en este texto, busca el desarrollo de prácticas pedagógicas que estén centradas en el ser humano, comprometidas con la constitución de una educación que busque realizar transformaciones políticas, culturales, sociales, necesarias. **Palabras-llave:** Infancias; género; sueños.

Educação para os sonhos: pela humanização dos processos de conhecer o mundo

A busca por práticas humanizadoras na educação deve estar voltada para o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural, aproximando o processo educativo à vida. Ao longo dos anos, o NALS, Núcleo de Artes, Linguagens e Subjetividades (NALS), vinculado à Faculdade de Educação (FaE), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) vem trabalhando com o intuito de propor atividades, reflexões, debates que possibilitem à comunidade local o acesso à discussões sobre identidade, diversidade, cultura, fronteira, direitos humanos e Outras pedagogias (ALVES, 2012; KRUGER, 2012; VARGAS; BUSSOLETTI, 2012; 2015; BUSSOLETTI; VARGAS, 2012; 2013a; 2013b; 2014a; 2014b; BUSSOLETTI, VARGAS; BAIROS, 2013; BUSSOLETTI; VARGAS; RIBEIRO, 2014; BUSSOLETTI; VARGAS; KRUGER, 2014; BUSSOLETTI, 2016; DUARTE, 2017). A partir das propostas de ação do NALS, buscamos estabelecer e fortalecer o diálogo entre universidade e comunidade, reconhecendo e valorizando aquilo que chamamos de “estéticas periféricas”, a partir da aproximação dos conceitos propostos por Arroyo (2014), Benjamin (et all), Santos (1999, 2001), Santos & Meneses (2010), dentre outros.

Utilizando-se fundamentalmente de ferramentas culturais para promover o exercício da cidadania e a responsabilidade social, o NALS aposta na experimentação artística como modo de educar, trilhando os caminhos da diversidade e da valorização dos saberes populares. Existente desde 2008, o NALS traz consigo dois pressupostos que regem sua atuação: o primeiro é a construção de um conhecimento científico que se afirme de outra maneira, e o segundo é esse inicialmente metodológico, que caracteriza sua ação como a união de técnicas educativas e experimentos (BUSSOLETTI; VARGAS, 2014; KOHLS; BARBOSA; MARTINS; BUSSOLETTI, 2016).

Em síntese, a intenção primeira é a da construção de espaços “de celebração da memória”, lugares onde o espectador é também um narrador, um contador de histórias e ao mesmo tempo é também a obra, ou a história, enquanto ação e intervenção criadora. Essa matriz de concepção é aliada à convicção de que a memória pode se constituir como um lugar de encontro de estéticas aparentemente inconjugáveis e que, por suavidade, através da arte, podem conduzir a itinerários mutáveis, de acordo com a rede estabelecida pelo espectador/narrador no diálogo com a obra/história e sua multiplicidade de significações (BUSSOLETTI; VARGAS; PINHEIRO, 2014).

Neste contexto, surge a proposta de investigar significados no/do universo infantil sobre as representações de gênero, a partir das experiências cotidianas das meninas, vai ao encontro da proposta das estéticas periféricas, pois entendemos que face ao desenvolvimento expressivo das reflexões acerca da questão de gênero na educação, ainda é periférico o lugar das crianças neste debate.

Neste sentido, questionamos como valorizar a diversidade cultural e social das crianças, no sentido de estabelecer um processo educativo mais humano, que se compromete a realizar as transformações políticas, econômicas, culturais e sociais necessárias.

Um primeiro movimento neste sentido, exige reconhecer as diferenças e tensionamentos entre criança e infância. Compreendemos as crianças como atores sociais, sujeitos de direitos, produtoras de cultura, ao mesmo tempo em que são produzidas por essa cultura. Por infâncias, nos referimos à experiência cultural das crianças no mundo. Compreendemos, portanto, a partir da perspectiva benjaminiana, as infâncias como categoria plural, híbrida, heterogênea, que como potencialidade do novo, reconfigura o mundo através de uma interpretação crítica e renovada. Sujeitos históricos e críticos, capazes de “produzir e compreender a cultura a partir de suas próprias significações” (SARMENTO, 2004).

De acordo com o autor as culturas das infâncias se constituem na interação entre os adultos e as crianças, a partir de uma gramática própria, que estabelece formas e conteúdos representacionais diversos, e se articula a partir dos quatro eixos que apresento a seguir:

Interatividade: a criança aprende a partir da relação com o Outro, na família, na escola e, principalmente, com seus pares. Suas relações são heterogêneas, nos diferentes mundos em que circula, vai amalhando conhecimentos que acabam por formar sua identidade pessoal e social. A cultura dos pares funciona a partir de um sistema geracional em que as crianças vão ensinando aos mais novos os modos de estar no mundo. Isso explica porque, por exemplo, as crianças ainda brincam de pião ou amarelinha em tempos de jogos eletrônicos.

Ludicidade: a brincadeira é elemento fundamental da aprendizagem e da sociabilidade. Brincar é condição para a recriação do mundo. Brincar é uma característica não só da criança, está presente também no adulto. A criança, contudo, brinca o tempo todo, sem distinção entre o momento lúdico e o momento do trabalho, como ocorre no mundo adulto. Talvez o que a criança faça de mais sério, seja justamente, brincar.

Fantasia do real: é a capacidade de recriar experiências a partir da não-literalidade com que se coloca no mundo e atribui significados para ele. Nas culturas da infância, realidade e fantasia coexistem. A fantasia do real é condição central da capacidade de resistência da criança face às situações que lhe são dolorosas.

Reiteração: complementa a não-literalidade com a característica não-linear do tempo. O tempo da criança é recursivo. Pode ser reinventado continuamente. A cada era uma vez, uma nova vez inaugura um recomeço, repleto de possibilidades. A interação se dá a partir de fluxos potencialmente infinitos de continuidade “e depois... e depois...” e de ruptura “não brinco mais contigo”. O tempo recursivo, aliado ao ensinamento geracional pelos pares, permite que toda a infância possa se reinventar e recriar, começando tudo de novo.

Em sua pesquisa de doutorado, Bussoletti (2007) propõe a linguagem poética (imagem e palavra imagética) como mais um eixo das gramáticas das culturas da infância, a qual assumimos também, como condição fundamental do diálogo com e pelas infâncias. Entendemos que na poética das infâncias habita a possibilidade de desconstrução do instituído a partir da nomeação de experiências renovadas.

A imaginação tenta um futuro (...) ela é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades (...) Certos devaneios poéticos são hipóteses que de vidas que alargam a nossa vida, dando-nos confiança no universo [...] Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é nosso (BACHELARD, 2009: 08).

Observar o mundo pelas infâncias busca, portanto, em linhas gerais, o desordenamento das representações tradicionais arraigadas na direção de um olhar antitradicionalista, que na perspectiva benjaminiana, abre espaços para o rompimento e a transformação. Assim, compreendemos que pensar as questões de gênero na cultura das infâncias permite refletir, a partir do conceito de “atitude geracional”, defendida por Sarmiento (2004), as representações que constituem modelos de construção de um futuro, de nosso modelo de sociedade.

As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazem-no com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível. É por isso que o lugar da infância é um entre-lugar [...] o espaço intersticial entre dois modos - o que é consagrado pelos adultos e o que é reinventado nos mundos de vida das crianças - e entre dois tempos - o passado e o futuro. É um lugar, um entre-lugar (Bhabha, 1998) socialmente construído, mas existencialmente renovado pela acção colectiva das

crianças. Mas um lugar, um entre-lugar, pré-disposto nas suas possibilidades e constrangimentos pela História. É por isso um lugar na História (SARMENTO, 2004: 02-03).

A proposta de tramar sonhos junto as infâncias emerge de uma das tantas atividades desenvolvidas pelo NALS, como relatado anteriormente.

Infâncias, gênero e sonhos

A proposta das oficinas de filtro dos sonhos¹ foi utilizada como recurso técnico de aproximação das culturas das infâncias. Compreendemos o processo de criação do filtro dos sonhos numa aproximação do conceito de trama, discutido por Machado (2003), onde o ato de fiar é espaço de autonomia da criação, relacionado à contação de histórias, à narração, parte importante do processo cultural que visa à valorização da sabedoria popular.

Figura 1 Confeção do filtro dos sonhos



Esses espaços de fição e tecelagem, predominantemente femininos, onde muitas vezes os homens vinham também se reunir no fim do dia para ouvir histórias, constituíam, portanto, um recinto que associava a criação de têxteis e de textos, os dois signos mais evidentes da condição humana frente aos animais. Marcas de cultura e civilização (MACHADO, 2003, p. 182).

Marcas discursivas, a narração dos sonhos pode ser compreendida como a “[...] tradução de algo não visto, mas sentido e imaginado [...]” (SELIGMANN-SILVA 2003, p. 380 – grifos do autor). É aquilo que a literatura de testemunho propõe: “[...] remete a algo „que de fato ocorreu“. Não é invenção, mas narração – ou mesmo, construção do real [...]” (SELIGMANN-SILVA 2003, p. 382). Como diz Benjamin (1994, p. 201) “o narrador retira da experiência o que ele conta [...]”, assim, essa narrativa só se torna possível através da experiência vivida, daquilo que foi sentido e de certa

¹ O filtro dos sonhos, também chamado de apanhador de sonhos, teia dos sonhos ou dream catcher, é um artefato de origem indígena norte-americana. Acredita-se que esse artefato pode separar as boas e más energias que circulam pela noite, fazendo com que somente os sonhos bons, carregados de mensagens importantes, passem pela teia. Disponível em: <<http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/c.asp?id=05394>>; Acessado em 15 de agosto de 2016 às 17h.

forma imaginado.

A trama representa não somente o fio que é tramado em volta do cipó na construção do filtro dos sonhos. Entendemos a trama como o entrecruzamento das histórias, das experiências, do sentido teórico e metodológico pelo qual vou tecendo essa narrativa:

Figura 2 Cipó utilizado para a confecção dos filtros dos sonhos



La trama representa un saber incluyente, un saber resultado de intercambios de estímulos y reacciones, de afectos y afectaciones, de entrelazamientos en que cada sujeto podrá incluir en su devenir encarnado sus propias categorías en relación a su experiencia, a los atravesamientos teóricos, estéticos, éticos, afectivos, eróticos y emotivos, y dichas categorías son desarrolladas en la trama de la vida, en nuestro estar ligados a la experiencia social y personal, a las tecnologías cognitivas, sociales, físico-químicas, biológicas y comunicacionales con las que convivimos (CANAL, 2011, p. 22).

A trama possibilita esse diálogo com as diferentes formas de conhecimentos e para que ela seja formada, necessita dos pontos de ligação, que em diálogo com as poéticas das infâncias (BUSSOLETTI, 2007), se apresenta como possibilidade de constituir espaços livres, de imaginação criadora:

Remete ao que Bachelard distingue como um instrumento misterioso, algo que através do atar e desatar, entre a tensão e o afrouxamento, preserva o oculto em sua aparente simplicidade. Seguindo a representação da imagem os movimentos característicos de um nó, cujo fio se redobra, “passa por trás”, “se continua por trás” e cuja completa tradução numa página em branco seria uma tarefa impossível. [...] Bachelard nos indica a força do nó, enquanto símbolo de

fixação da imaginação criadora lembrando que “os cipós prendem, mas não sabem dar nó”, é necessária a mão humana para “prender com nós”. Indica, o autor, a importância da “meditação sobre a corda maleável que conquista por meio do nó o símbolo de força e tenacidade” (BUSSOLETTI, 2011, p. 07).

Assim, durante essas oficinas de filtro dos sonhos, tramamos e construímos o objeto em si, e nesse intercâmbio de trocas com as crianças, tramamos histórias e sonhos que surgem desse momento. Pensamos que a abertura de espaços de livre pensamento, que estimulem a imaginação sobre os sonhos constitui uma experiência educativa mais humana, que nos garanta o “direito de sonhar”.

Em Bachelard, podemos compreender o sonho através de sua obra “O direito de sonhar” (1985), composta por ensaios sobre pintura, gravura, escultura e literatura. Através desses ensaios podemos entender a concepção de imaginação e devaneio atribuída pelo autor.

Figura 3 Roda de conversa e construção dos filtros dos sonhos



Assim, é através da imaginação criadora que podemos pensar o sonho em Bachelard. Para o autor, a imaginação e o devaneio (1985) estão voltados para o futuro, para o sonho acordado. Essa imaginação está ligada a um componente material, na qual “[...] recupera o mundo como provocação concreta e como resistência, a solicitar a intervenção ativa e modificadora do homem: do homem-demiurgo, artesão, manipulador, criador, fenomenotécnico, obreiro [...]” (PESSANHA, 1985, p. 15). Assim, “o trabalhador-artista de Bachelard cria a partir de seus próprios devaneios, autodeterminados por seus sonhos, por sua vontade de poder” (PESSANHA, 1985, p. 21 – grifos do autor). Desse modo, essa imaginação, ou devaneio, se projeta em imagens artísticas, na qual o artista cria e experimenta a partir de seus sonhos e suas vontades.

Bachelard (1985) diz que o ser humano é um artesão, cria tanto na ciência como na arte, e diante do desejo de captar o poético, o autor faz do devaneio objeto e método. Bachelard atribui a imaginação criadora aos quatro elementos da natureza: terra, ar, água ou fogo. Cada um desses elementos possui um temperamento artístico de criação: “Pode-se então classificar os poetas pedindo-lhes para responder à pergunta: Dize-me qual é o teu infinito e eu saberei o sentido do teu universo; é o infinito do mar ou do céu, é o infinito da terra profunda ou da fogueira?” (BACHELARD, 1990, p. 06). Desse modo, Bachelard apresenta contribuições acerca da imaginação criadora, do

espaço onírico e do devaneio, conquistando “[...] os fundamentos da legitimidade do devaneio, os motivos que tornam o sonho imprescindível à arte e à vida [e a educação, podemos incluir]” (PESSANHA, 1985, p. 11).

Buscando no infinito particular de cada uma, tratar dos sonhos das meninas, pedimos que cada uma fizesse um desenho que pudessem representar o seu universo de sonhos. Trabalhamos com imagens na perspectiva benjaminiana em que a história é traçada (ou pensada) a partir das imagens.

O conceito de fisionomia é para Benjamin, o fragmento que compõe o rosto de toda uma época. A partir da ideia das imagens dialéticas ou “semelhanças não sensíveis”, Benjamin discute a práxis a partir da linguagem imagética, na perspectiva de uma história aberta, onde as imagens se relacionam e se encontram, formando constelações que num relampejo, revelam a dinâmica da história de forma crítica. Pensar as representações de gênero nos sonhos das meninas permite problematizar, portanto, na perspectiva benjaminiana, os tensionamentos dialéticos da cultura a partir das culturas das infâncias.

Eleger a infância se coloca, assim, como uma alternativa de pesquisa a um mundo adulto sensorialmente empobrecido. Através de Benjamin, acredito que as crianças são capazes de decifrar o “rosto do mundo das coisas”, dar visibilidade e riqueza a tudo aquilo que, abandonado pelo mundo adulto, nos provoca a meditar sobre esse “canteiro de obras”, sobre esse rótulo de insensato que as “rançosas especulações” acadêmicas têm outorgado às produções infantis, ou que por um reducionismo especulativo qualquer nos impeçam de compreender que “a terra está cheia de objetos” e que a atenção e a ação das crianças sobre estes pode renovar, criar e imprimir novos significados (BUSSOLETTI; GUARESCHI, 2011, p. 307).

Sobre os novos significados, as infâncias talvez nos possam dizer dos olhares Outros que podemos lançar para o mundo e que o rosto do mundo das coisas, talvez esteja além da máscara do cotidiano que o olhar adulto já não vê como novidade. Pelos olhares das meninas, podemos começar a refletir sobre o que é permitido a uma menina sonhar. Ao pensar sobre essas representações, poderemos debater, em um futuro próximo, sobre aquilo que Bíscafo (2009, p. 06) refere ao dizer das “discriminações causadas por uma educação sexista, onde se atribuem às meninas a sensibilidade, fragilidade e aos meninos a brutalidade e força”. Pela aproximação da poética das infâncias, concluímos pela exercício estético que comprometido com a valorização e o profundo respeito às culturas das infâncias, nos leva mais próximos dos sonhos...Mundos possíveis, em que a educação esteja mais próxima da vida e das pessoas, buscando pela experiência estética, o compromisso ético que busca o diálogo constante com saberes que construam experiências educativas mais humanas, onde meninos e meninas sejam valorizados em suas particularidades e potencialidades. Sonhos que os integrantes do NALS têm tentado construir juntos, almejando uma educação política e estética, comprometida com os saberes periféricos.

Através das oficinas de filtro de sonhos, ao assumir a proposta de escutar o que as crianças têm a nos dizer, pensamos adentrar nesse mundo sonhado, de significados que talvez mostrem que a esperança são as infâncias mesmas...

Queria também construir os sonhos e
Distribuí-los,

Assim como a meninas que distribuiu estrelas.

No centro urbano de uma grande cidade, encontrei uma menina,
de vestido azul e cabelos castanhos,
que retirava de seus bolsos estrelas.

As estrelas possuíam cheiros e sabores diferentes,
e ela as distribuía a aqueles que estavam dispostos a experimentá-las.

Queria também distribuir, não estrelas, mas sonhos.

Queria reascender a chama da esperança e distribuir ao menos a esperança de sonhar. Vi muitos sonhos jogados e esquecidos pelos cantos da cidade. Outros haviam sido perdidos. Assim, penso que muitos aceitaram o desafio de experimentar ou ter algum sonho, mas nem todos conseguiram carregá-los e sonhá-los. Onde se encontram nossos sonhos? Estacionados? Perdidos? Ou voando por aí? Que sonhos temos sonhado?

Referências

ALVES, Joice do Prado; MELLO, Lawrence Estivalet; BUSSOLETTI, Denise Marcos. Diversidade Sexual: Diálogos e Práticas na Universidade. Expressa Extensão. Edição Especial, Dezembro de 2012; 25-42, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF, 2009.

_____. **O ar e os sonhos**: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **O direito de sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1985.

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. A construção das identidades de gênero na educação infantil. Campo Grande, 2009. 138 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

_____, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2. ed. Fundação biblioteca nacional, RJ: 2009.

_____, Walter. **Sobre o Haxixe e Outras Drogas**. São Paulo: Assírio & Alvim, 2010.

_____, Walter. Obras Escolhidas, Vol. 1. Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____, Walter. **O anjo da história**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a.

_____, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013b.

_____, Walter. **Rua de mão única, Infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013c.

_____, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I.

BUSSOLETTI, Denise Marcos. **Infâncias Monotônicas - Uma rapsódia da Esperança - Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa**. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

_____. O “nó cristalográfico” da imaginação criadora: escrita de pesquisa, surrealismo e representações sociais. Revista Ibero-americana de Educação ISSN: 1681-5653 n.º 57/1, 2011b. 46 BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner. Leituras em Dramaturgia Teatral para a Diversidade. Pelotas/RS: Editora e Gráfica Universitária UFPEL, 2012.

_____. Art and aesthetics of ginga: Boundary for the future in the in-between places of diversity. Global Journal of Human Social Science. Arts & Humanities. v. 13, issue 04, pp. 01-09, 2013a.

_____. Outras fronteiras em extensão. Revista Expressa Extensão, v. 18, n. 02, p.05-22, 2013b.

_____. Por entre fronteiras de uma pedagogia que pauta a educação pelas artes gingando saberes e práticas populares. Revista Extraprensa, v.01, n. 14, p. 41-48, 2014a.

_____. History tellers: The Griots keeping popular narratives alive. Portuguese Studies Review, v. 22, n. 02, p. 175-192, 2014b.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza; RIBEIRO, Cristiano Guedes. Narrativas populares: o griô e a arte de contar histórias. Cadernos de Pesquisa, v. 21, n.1, p. 1-14, 2014.

BUSSOLETTI, Denise Marcos, VARGAS, Vagner de Souza; KRÜGER, Luana de Carvalho. The dailymasks and socially sensitive identity: na ethical and aesthetical proposal for education in Brazil. Journal of Art for Life, 6(1):1-8, 2014.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; DUARTE, Krischna Silveira; VARGAS, Vagner de Souza; NOGUEIRA, Gabriel Nogueira. Ensino de teatro para personas con Síndrome Down. Revista Hispanista, v. 27, n. 64, p. 01-10, 2016.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. Por entre fronteiras de uma pedagogia que pauta a educação pelas artes gingando saberes e práticas populares. **Extraprensa**, São Paulo, ano 8, nº 4, p. 41 – 48, 2014.

BUSSOLETTI, M. Denise; VARGAS, Vagner; PINHEIRO, Cristiano. Cadernos de Pesquisa., São Luís, v. 21, n. 1, jan./abr. 2014

DUARTE, Krischna Silveira. **Educação desordeira**: poéticas das infâncias em vídeoarte. Pelotas, 2017.Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

KOHL, T.M.; BUSSOLETTI, D.M. Pensando as representações infantis através dos sonhos. *XVIII ENPOS - Encontro de Pós-Graduação*, 2016, Pelotas.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.). O corpo educado – pedagogias da sexualidade. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MACHADO, Ana Maria. O Tao da teia – sobre textos e têxteis. In: **Estudos Avançados**, 17 (49), 2003.

KOHL, T.M.; VARGAS, V.; BUSSOLETTI, D.M. Dicionário das crianças: uma possibilidade de significados e representações de gênero no universo infantil. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 03 nº 01, p. 17-25, 2017.

PESSANHA, José Américo Motta. Introdução – Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1985.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL - PET FRONTEIRAS: Saberes e Práticas Populares, Universidade de Federal de Pelotas, 2012.

SARMENTO, M. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**. In: Sarmento, M. e Cerisara, A. Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Edições ASA, 2004.

Recebido em 11 de novembro de 2017.

Aceito em 23 de março de 2018.